

# **A DINÂMICA PARA O ENSINO DO CAMPO E AS AULAS DE GEOGRAFIA**

Jafitha dos Santos Campêlo<sup>1</sup>, Jheniffer Helem Seabra da Cunha<sup>2</sup>, KemylyDanila Cantão Lopes Costa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Geografia da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). jafithacampelo@gmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Geografia da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares em Educação, Formação de Professores e Meio Ambiente em Território Ribeirinho da Amazônia Paraense (GEPESQ/Ribeirinhos). jhenifferhelem@hotmail.com

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Geografia da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares em Educação, Formação de Professores e Meio Ambiente em Território Ribeirinho da Amazônia Paraense (GEPESQ/Ribeirinhos). kemylycosta.kc@gmail.com

*Artigo recebido em 02/05/2020 e aceito em 09/05/2020*

---

## **RESUMO**

O ensino da geografia pode ser melhorado se levarmos aos alunos a ideia de transformar o ensino tradicional fixo em sala de aula para um ensino mais dinâmico donde os discentes se deslocam da sala de aula para o ambiente vivenciado diariamente por eles que nada mais é do que a local onde eles vivem, ora eles são moradores da área rural como então mantê-los presos a uma sala de aula quando a geografia está a apenas alguns passos deles, só o fato de abrimos a janela da sala e mostrar a paisagem ao redor já é mais emocionante que ditar conceitos sobre a mesma paisagem, porque então não levarmos os alunos que são do campo para uma aula prática no próprio campo. Este trabalho teve como objetivo melhorar o ensino da geografia com aulas práticas. Para isso foi desenvolvido um trabalho na escola municipal de ensino fundamental Feliciano Rodrigues, localizada na zona rural do distrito vila nova no município de São João da Ponta no Estado do Pará. A turma escolhida para a aplicação da dinâmica do ensino prático da geografia foi do sétimo ano que conta com 32 alunos, a metodologia utilizada constou na divisão da turma em quatro grupos de oito alunos, sendo repassado a cada equipe uma atividade para ser desenvolvida no ambiente extra classe, os temas foram: Vegetação, solo, geomorfologia e hidrografia todos eles ligados ao espaço geográfico e a sua paisagem. Os alunos foram para uma área onde estão presentes os temas, sendo todos acompanhados pelo professor que neste momento ficou presente apenas como observador e responsável pelos alunos. Ao final foi aplicada uma avaliação objetiva e subjetiva sobre os assuntos vistos na aula, com a intenção de quantificar a fixação dos assuntos mostrados na aula prática.

**Palavras-chave:** Ensino no campo; Geografia; Paisagem.

## **RESUMEN**

La enseñanza de la geografía se puede mejorar si llevamos a los estudiantes a la idea de transformar la enseñanza fija tradicional en el aula en una enseñanza más dinámica desde la cual los estudiantes se mueven del aula al entorno que experimentan diariamente, lo cual no es más que el lugar donde viven, ahora son residentes de la zona rural, así que mantenlos encerrados en un aula cuando la geografía esté a solo unos pasos de distancia, solo el hecho de que abrimos la ventana de la sala y mostramos el paisaje alrededor es más emocionante que dictar conceptos sobre el mismo paisaje, porque entonces no llevamos a los estudiantes del campo a una clase práctica en el campo mismo. Este trabajo tuvo como objetivo mejorar la enseñanza de la geografía con clases prácticas. Con este fin, se trabajó en la escuela primaria municipal Feliciano Rodrigues, ubicada en la zona rural del distrito de Vila Nova en el municipio de São João da Ponta en el Estado de Pará. La clase elegida para la aplicación de la dinámica de la enseñanza práctica de la geografía fue de séptimo año con 32 estudiantes, la metodología utilizada consistió en dividir la clase en cuatro grupos de ocho estudiantes, y cada equipo recibió una actividad para desarrollarse en el entorno extra-clase, los temas fueron: Vegetación, suelo, geomorfología e hidrografía, todos vinculados al espacio geográfico y su paisaje. Los estudiantes fueron a un área donde los temas están presentes, todos acompañados por el maestro, quien en este momento solo estaba presente como

observador y responsable de los estudiantes. Al final, se aplicó una evaluación objetiva y subjetiva a los sujetos vistos en la clase, con la intención de cuantificar la fijación de los sujetos mostrados en la clase práctica.

**Palabras clave:** Enseñanza en el campo; Geografía; Paisaje.

## **INTRODUÇÃO**

O ensino da geografia está intrinsecamente ligada a educação do campo, ora quando lecionamos a geografia no ambiente urbano sempre fazemos ligações com as cidades os bairros as ruas dentre outras paisagens, tratamos a geografia basicamente como território urbano, dito isso fico imaginando como mostrar apenas estas condições para os atores do campo e seus filhos, porque não direcionar o estudo da geografia a sua realidade dando-se mais ênfase a esta condição sem no entanto alienar o aluno da urbanidade geográfica.

Com base neste pensamento estamos desenvolvendo uma metodologia experimental de educação geográfica do campo, em momento algum estamos querendo criar novas nomenclaturas apenas nomeamos assim para melhor estudá-la, voltaremos o estudo da geografia para a preservação das matas, para a conservação dos cursos d'água, para o cultivo racional, para a reforma agrária, para a preservação do homem no campo, para as consequências do êxodo rural, a metodologia utilizada será aulas expositivas e práticas no entanto voltadas para as situações vivenciadas cotidianamente pelos moradores das regiões rurais.

Nosso objetivo é tornar a educação do aluno do campo um mister que não irá torná-lo ecologistas de primeira hora, mas sim um ser pensante, preocupado e preparado para o enfrentamento da vida profissional futura com responsabilidade.

## **2. EMBASAMENTO TEÓRICO**

### **2.1. LEGISLAÇÃO PERTINENTE A EDUCAÇÃO NO CAMPO**

O marco da inserção da educação do campo na agenda política e na política educacional pode ser indicado a partir da LDB 9394/96, ao afirmar, em seu artigo 28, a possibilidade de adequação curricular e metodologias apropriadas ao meio rural; flexibilizar a organização escolar. Em 2004, foi criado, no Ministério de Educação, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), na qual existe uma coordenação

de educação do campo. Ainda, no MEC, foi organizado o Grupo Permanente de Trabalho (GPT).

Este grupo segue os seguintes princípios: Educação de qualidade é um direito dos povos do campo; Respeito às organizações sociais e o conhecimento por elas produzido; Realizar a educação do Campo no campo; Educação enquanto produção de cultura; Educação para formação dos sujeitos; Educação como formação humana para o desenvolvimento sustentável; Educação e o respeito às características do campo.

De acordo com o Decreto 7352/2010 em seu artigo 1º conceitua população de campo e escola do campo: Populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, as caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

De acordo com as Diretrizes Operacionais para a Educação nas Escolas de Campo (Resolução CNE/CEB nº1/2002) os professores com formação no âmbito urbano que atuavam nas escolas rurais, “desenvolviam um projeto educativo ancorado em formas racionais, valores e conteúdos próprios da cidade, em detrimento da valorização dos benefícios que eram específicos do campo” (BRASIL, 2002, p. 270).

O PRONERA foi criado em 1998, por meio da Portaria nº. 10/98, pelo Ministério Extraordinário de Política Fundiária. O referido programa tem como público alvo: jovens e pessoas adultas de assentamentos que não tiveram a oportunidade de estudar, a fim de que tenham acesso à educação básica (alfabetização, ensino fundamental e médio), técnicos profissionalizantes de nível médio e cursos superiores e de especialização (BRASIL, 2016).

## **2.2. EDUCAÇÃO NO CAMPO**

O ensino regular para as áreas rurais surgiu no período do segundo império, com a necessidade de abastecer a estrutura econômica vigente no Brasil. Para Calazans (1993), com o fim da escravidão e a monocultura do café, a agricultura passou a ter necessidade de pessoas que fossem especializadas para o setor. Dessa forma as culturas secundárias, mas também de grande importância para a agricultura desenvolveram-se e, igualmente, necessitava de

mão-de-obra qualificada. Nesse sentido, as escolas começaram a suprir as necessidades básicas, que se esperava ser atendida, a partir do ensino escolar.

A população que habita a zona rural do Brasil vem historicamente sendo vista preconceituosamente como atrasada, rude, miserável, pobre, ou seja, largado no mundo, muito desta visão tem a ver com o personagem” Jeca tatu” criado por Monteiro Lobato, que o caracterizava como um sujeito indolente, preguiçoso.

Este personagem mostrado em livros, filmes e contado em histórias fez com que fosse formado no imaginário da população a figura do morador da zona rural, dito isso é fácil você analisar que a educação nestes rincões brasileiros não tinha razão de existir, logo esta população foi sempre subjugada e tratada a margem de uma condição mínima educacional, esta situação era vista no início do século XX e só a partir de então foi pensado em levar educação a população das zonas rurais.

A educação está apenas no sentido de como se dizia na época “conhecer as primeiras letras” e se denominou Educação rural que era predominantemente vista como algo que atendia a uma classe da população que vivia num atraso tecnológico, subordinado, a serviço da população dos centros urbanos” (ROSA; CAETANO, 2008, p.23).

Esse tipo de educação predominou até a segunda metade do século XX, em que não havia uma preocupação com a cultura e costumes do homem do campo. Isso significa dizer que a educação voltada para as pessoas do campo era fora da realidade na qual a escola estava inserida. Na trajetória da educação rural, a política educacional se organizava em conformidade com os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura.

Nos anos de 1960, Paulo Freire realizou uma verdadeira revolução na prática educativa, criando os métodos de educação popular, tendo por suporte filosófico- ideológico os valores e o universo sociolinguístico-cultural dos grupos (Leite, 1999, p. 43).; Ele criou as Escolas-Família Agrícolas (EFAs) e as experiências das Casas Familiares Rurais (CFRs) (Andrade & Di Pierro, 2004), Elas têm como sujeitos centrais os filhos dos pequenos produtores e utilizam-se da Pedagogia da Alternância, caracterizada por um projeto pedagógico que reúne atividades escolares e outras planejadas para desenvolvimento na propriedade de origem do aluno. Excetuando as experiências desenvolvidas por Paulo Freire a história da educação rural brasileira mostra o predomínio de uma educação que objetivava “treinar e educar” os sujeitos “rústicos” do meio rural.

Na década de 80, com a ampliação do número de ocupações e assentamentos organizados pelos movimentos sociais, as questões educacionais dos camponeses e trabalhadores rurais ficaram mais visíveis. A existência de um número reduzido de escolas e o trabalho com conteúdo caracterizado pela ideologia do Brasil urbano fez com que o movimento social iniciasse novas experiências e produzisse documentos mostrando as necessidades e as possibilidades na construção de uma política pública de educação do campo.

O movimento social questionava o paradigma da educação rural e propõe a educação do campo como um novo paradigma para orientar as políticas e práticas pedagógicas ligadas aos trabalhadores do campo. Fernandes et al. (2004, p. 25) afirmam que a utilização da expressão campo foi adotada em função da reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho.

Assim, a educação do campo deve ser aquela em se baseia em práticas educativas e pedagógicas que estejam de acordo com a realidade da população camponesa, bem como que levem em conta a cultura e as tradições das pessoas que vivem no âmbito rural. Observa-se que é uma educação que surge em resposta aos movimentos sociais do campo que sempre buscavam uma educação condizente com a vida e os hábitos dos alunos da zona rural.

Segundo Rosa e Caetano (2008, p.23), Com implantação do conceito “educação do campo”, ocorre uma inclusão e conseqüente valorização das pessoas que habitam o meio rural, oferecendo oportunidade de participarem, por meio de suas experiências, de programas produtivos, atuando na sociedade de forma igualitária, estabelecendo uma relação harmoniosa entre produção, terra e seres humanos, com relações sociais democráticas e solidárias.

Com relação à educação do campo, verifica-se que essa começa a se intensificar a partir da segunda metade do século XX, através de reivindicações de movimentos sociais e da sociedade civil, que desejavam uma educação voltada para os interesses e necessidades da população do campo, bem como uma educação que valorizasse a cultura e a identidade dessa população. Percebe-se que com tais movimentos havia o desejo de uma educação inclusiva e autônoma (TRAVESSINI, 2015, p.29).

A partir da realização da I Conferência Nacional por uma educação do campo, em 1998, “a expressão campo passa a substituir o termo rural. Entende-se que, em tempos de

modernização, com esta expressão campo, há uma abrangência maior de sociedades diversas que habitam as regiões do país que não se dizem urbanas” (ROSA; CAETANO, 2008, p.23).

### **2.3. O ESTUDO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO NO CAMPO**

KIMURA, 2001, p. 26. Cita que Geografia se constitui em um campo fértil de oportunidades para experimentar de maneira muito rica e estimulante várias habilidades e, desta forma, possibilitar ao aluno desenvolver competências criativas de percepção e cognição a serem incorporadas ao seu crescimento.

O conceito de lugar é um espaço onde o homem está inserido, mantendo relações sociais, nos fazendo refletir sobre o nosso papel no mundo” (Wizniewsky, 2010, p. 32).

O ensino de geografia tem como papel resgatar identidades, fomentar criatividade, colaborar na construção de personalidades equilibradas, capazes de atuar nos diversos espaços da sociedade com o diferencial da ética e da cidadania planetária. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da (s) sociedade (s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.). Um dos maiores objetivos da escola, e também da Geografia, é formar valores de respeito ao outro, respeito às diferenças (culturais, políticas, religiosas), combate às desigualdades e às injustiças sociais. (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

O ensino de geografia permite que a escola do campo seja analisada a partir do lugar e das pessoas que o habitam. Ensinar Geografia deve estar atrelado a desvendar a espacialidade das práticas sociais e desta forma cabe a geografia instrumentalizar o aluno para que consiga conhecer o lugar onde vive. Inserido nesta perspectiva, um dos papéis desempenhados pelo professor é instigar o aluno nesta tarefa, e assim criar uma relação de pertencimento e identificação com esse lugar.

Um ensino de geografia que se pretende integrador deve levar em conta essa complexidade da realidade do campo brasileiro, articulando em sua dinâmica as particularidades e especificidades do lugar, sem desconsiderar as interconexões das escalas, ou seja, compreender o lugar é, antes de tudo, pensá-lo como uma totalidade constituída por espaços e tempos locais e globais. (DAVID, 2010. p. 44).

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

O trabalho se desenvolveu na escola municipal de ensino fundamental Feliciano Rodrigues, localizada na zona rural do distrito vila nova no município de São João da Ponta nos Estado do Pará, a turma escolhida para a aplicação da dinâmica do ensino pratico da geografia foi do sétimo ano que conta com 32 alunos, a metodologia utilizada constou na divisão da turma em quatro grupos de oito alunos, sendo repassado a cada equipe uma atividade para ser desenvolvida no ambiente extra classe, os temas foram: Vegetação, solo, relevo e hidrografia todos eles ligados ao espaço geográfico e a sua paisagem.

Os alunos foram para uma área onde estão presentes os temas, sendo todos acompanhados pelo professor que neste momento ficou presente apenas como observador e responsável pelos alunos. Os discentes levaram consigo pranchetas, papel, questionário objetivo para ser respondido ao final da aula e caneta para as devidas anotações e croquis.

Ao final da aula os alunos entregaram o questionário respondido ficando apenas com as outras anotações. Na aula seguinte os alunos trouxeram suas anotações e o professor explicou os assuntos vistos na pratica de campo, dando ênfase aos tipos de vegetação tanto da geral como da ciliar, falaria sobre o solo existente na área, mostrou a declividade existente em direção ao curso d'água, mostrando também as características da água a profundidade do curso d'água na parte mais estreita bem como na parte mais larga, a temperatura da água na parte sob a vegetação bem como na parte fora da vegetação. Ao final aplicou uma avaliação objetiva e subjetiva sobre os assuntos vistos na aula.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os alunos participantes da aula prática interagiram muito bem com a dinâmica da aula envolvendo e contagiando o restante dos alunos da escola que passaram a perguntar para os participantes da aula sobre os assuntos vivenciados. Nota-se que tal situação está de acordo com Carbonell (2002) quando destaca que o espaço fora de sala de aula desperta a mente e a capacidade de aprender, pois se caracterizam como espaços estimulantes que, se bem aproveitados, serão um cenário muito bom para a aprendizagem.

A aula no campo ajudou na maior empatia do professor com seus alunos porque apesar de ficarem mais distantes fisicamente já que o espaço no campo é muito maior que em sala de aula, no entanto os alunos viram neste momento uma oportunidade maior para as

perguntas ligadas ao assunto em tela o que não teriam em sala de aula mesmos que os assuntos fossem mostrados em fotos ou filmes. Estando totalmente de acordo com Viveiro e Diniz (2009), que cita a aula de campo como um momento de aproximação e confiança entre os alunos e o professor.

O aluno ao ser levado para o campo e vivenciar na prática o estudo da geografia tendo como exemplos as coisas de seu cotidiano conseguiu assimilar muito melhor do que todo aquele cabedal de conceitos as vezes tediosos que são vistos em sala de aula apesar de tratarem do mesmo assunto, esta situação vem ser confirmada por Libânio (1994, p,71), afirmando que a aula no campo permite uma discussão em torno do mundo concreto do aluno que deve ser enriquecido com visitas às localidades por eles conhecidas.

O Professor aguçou a capacidade dos alunos em formar seus próprios conceitos após a aula no campo, fazendo com que os alunos rompessem aquela tradicional maneira de estudar a geografia como disciplina decorativa e apêndice para outras ciências a partir desta aula os alunos passaram a ver a geografia com outro olhar dando a ela a real importância devida e fazendo com que fosse vista no seu cotidiano e não mais como mais uma disciplina obrigatória para ter que decorar seus conceitos, esta situação vem ser pactuada com Figueiredo e Silva (2009) que explicou que esses acontecimentos mostram a transição da Geografia tradicional para a geografia crítica, tendo em vista que as observações descritivas e não contextualizadas passam agora a serem abordadas com um caráter questionador, na busca por respostas que sejam coerentes e que associem fatores, que transformem o aluno em um investigador com capacidade crítica de relacionar e questionar conteúdo.

Ao olharmos apenas para os números da tabela 1 nota-se que houve uma grande concentração das notas no conceito considerável bom, um valor diminuto das notas de conceito regular e um incremento importante das notas de conceito excelente, logo podemos afirmar que houve uma grande melhora no binômio ensino-aprendizado da turma, demonstrando que as aulas quando levadas ao dia a dia dos alunos influenciam positivamente na fixação dos conteúdos. O interesse do Professor é que todos os alunos da mesma série vivenciem esta experiência, devido a isto não temos como fazer comparação de aprendizado porque todas as turmas participaram em algum momento da dinâmica da aula.

**Quadro 1 – Tabela de notas da avaliação da aula de campo.**

<b>Tabelas de notas da avaliação da aula de campo</b>		
<b>Intervalo das notas</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>%</b>

0,0 - 4,9	0	0
5,0 - 6,9	3	9,4
7,0 - 8,9	18	56,1
9,0 - 10,0	11	34,5
Total	32	100

FONTE: Autoras (2018).

## 5. CONCLUSÕES

Percebe-se que os alunos fixaram melhor os conteúdos na dinâmica de campo, onde houve uma melhora significativa no relacionamento entre o Professor e os alunos e através disto aconteceu um grande significativo aumento das notas consideradas excelentes, e com isto teve a ausência de notas insuficientes.

As escolas devem desenvolver projetos que levem em consideração a importância da dinâmica abordada nas salas de aulas onde estão relacionadas com a sua realidade e que também fazem partes dos conteúdos relacionados de geografia. O ensino da geografia deve contribuir para uma reflexão e não apenas de uma forma conteudista.

Por fim, mesmo que pareça um pequeno resultado dessa pesquisa, ainda se é de grande importância, pois é dia após dia, que irá construir uma dinâmica nas aulas de geografia adequadas a educação no campo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.R.; DI PIERRO, M.C. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária em Perspectiva: dados básicos para uma avaliação.** São Paulo: Ação Educativa, 2004.

ANDRADE, Márcia Regina; DI PIERRO, Maria Clara. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária em perspectiva: Dados básicos para uma avaliação.** Disponível em: [http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2311/1/ensaio\\_intro\\_dutorioproner\\_a.pdf](http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2311/1/ensaio_intro_dutorioproner_a.pdf). Acesso em: 23 out. 2018.

ALVES, Rubem. **Conversas para que gosta de ensinar.** São Paulo: Cortez, 1985.

BELTRAME, Sonia Aparecida Branco; CARDOSO, Terezinha Maria; NAWROSKI, Alcione. Educação do campo e práticas pedagógicas. In: MUNARIM, Antônio. **Educação do Campo: Políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas.** Florianópolis: Insular, 2011, p. 101-122.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. Parecer nº 36 de 2001 e a Resolução nº 01 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394. 6ª Ed. Brasília, 2011.

BRASIL. Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993. CALAZANS, Julieta. Para compreender a educação do Estado no meio rural. Traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria. **Educação e escola no Campo**. Campinas: Papirus, 1993, p.15-42.

BRASIL. PRONERA – **Educação na reforma agrária**. Disponível em:[http://www.incra.gov.br/educacao\\_pronera](http://www.incra.gov.br/educacao_pronera). Acesso em: 25 out. 2018.

CALDART, Roseli Salete: **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo, Expressão Popular, 2012. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Revista Trabalho, Educação e Saúde [online]**. Mar./jun. 2009. v.7 n.1, p. 35-64. ISSN 1981- 7746

**Caminhos para a transformação da escola: reflexos desde práticas da licenciatura em Educação do Campo**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. CALLAI, H. C. Projetos interdisciplinares e a formação do professor de geografia. In. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. OLIVEIRA, A. U.; PONTUSCHKA, N.N. (org.) 4ª Ed. São Paulo, Contexto, 2012.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002 (Coleção Inovação Pedagógica).

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FIGUEREIDO, V. S.; SILVA, G. S. C. **A importância da aula do campo na prática em Geografia**. 10o Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009

FERNANDES, B.M.; CERIOLI, P.; CALDART, R.S. Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-62.

JESUS, José Novais de. **A pedagogia da alternância e o debate da educação no/do campo no estado de Goiás**. Disponível em:<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1334-3798-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

LEITE, S.C. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do professor).

LOCKS, Geraldo Augusto; GRAUPE, Mareli Eliane; PEREIRA, Jisilaine Antunes. **Educação do Campo e direitos humanos: uma conquista, muitos desafios**. Disponível em:<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3654>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ROSA, Daniela Souza da; CAETANO, Maria Raquel. **Da educação rural à educação do campo: uma trajetória...seus desafios e suas perspectivas**. Disponível em:<http://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/da-educacao-rural-a-educacao-docampo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. Principais problemas e desafios da educação do campo no Brasil e no Paraná. In:**Cadernos temáticos: educação do campo**. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED, 2005.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa**. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022008000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200002). Acesso em: 25 out. 2018.

TRAVESSINI, Desideri Marx. **Educação do Campo ou Educação Rural? Os conceitos e a prática a partir de São Miguel do Iguaçu, PR**. Disponível em:<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/383>. Acesso em: 25 out. 2018.